Phil Chidester
Illinois State University

John R. Baldwin
Illinois State University

Joseph P. Zompetti
Illinois State University

**Protesto diário: uma análise
singela por meio de
narrativas de três
forasteiros informados**

**Everyday Protest: A Naïve
Analysis through the
Narratives of Three
Informed Outsiders**

Submissão: 22-10-2014
Decisão editorial: 15-08-2017

Apesar da orientação progressista do Partido dos Trabalhadores, Dilma Roussef e o seu partido têm desapontado os pobres e a classe trabalhadora do Brasil. Sob a sua administração, a economia brasileira desfrutou de um crescimento sem precedentes (Chodor, 2015) que floresceram em 2011 e 2012. As Jornadas de Junho" de 2013 têm origens complicadas, com reclamações contra o aumento de preço de da passagem de ônibus (o movimento Passa Livre). Mesmo assim, quando rumores de corrupção vieram à tona, milhares de pessoas foram às ruas em protesto. Instigados em grande parte pela mídia brasileira controlada pelas elites, os ativistas que inauguraram o impeachment de Dilma Roussef não eram os suspeitos usuais: Eram os membros da rica aristocracia, como grupos virtuais da extrema direita como o Movimento Brasil Livre (MBL) e o Movimento Vem Pra Rua (MVPR), que temiam que uma esquerdista solaparia o futuro da economia. Nas classes baixas, as notícias sobre os protestos alimentaram sentimentos de que o rumo da economia não lhes beneficiaria. Isso se traduziu na receita para o fim de qualquer movimento progressista. Agora que o vice-presidente de Dilma Rousseff, Michel Temer, que tem conduzido Brasil desde o impeachment, conta com uma economia mais e mais funesta, nos perguntamos: por que não há protestos nas ruas?

Por que é que os pobres e as classes trabalhadoras do país — os que mais sofrem—não estão promovendo uma mudança radical? O que é preciso para eles se erguerem em resistência? Por que é que as condições no Brasil parecem ir de mal em pior, e os mais afetados parecem ser os mais benignos e inativos no maior país da América do Sul? Nós levantamos essas questões como pano de fundo para o pensamento crítico e até mesmo com inclinações ativistas. Porém, fazemos apenas uma tentativa, porque apesar de cada um de nós ter experiência em relação ao Brasil e ciência das reclamações e preocupações críticas, ainda assim nós escrevemos como forasteiros.

Uma Orientação Teórica

Entendendo o Protesto

A literatura referente ao protesto social e à comunicação revela que os cidadãos têm acesso a muitas oportunidades de ativismo. Podemos associar-nos com movimentos sociais, participar de campanhas ativistas, ir às manifestações ou protestos, fazer trabalho voluntário para campanhas políticas, ou nos engajar em ativismo digital, todas as formas pelas quais podemos entender as dinâmicas de ativismo político no Brasil.

Por exemplo, Stewart, Smith, e Denton (2012) descrevem os papéis e usos da persuasão em movimentos sociais, inclusive as estratégias retóricas, a linguagem e a liderança dos movimentos sociais. Eles argumentam que a comunicação, especificamente a persuasão, ocupa lugar principal na mudança social. De maneira semelhante, Morris e Browne (2013) compilam vários artigos na área de comunicação

importantes, que se referem ao protesto social, incluindo obras que focam no ativismo homossexual, nos protestos indígenas norte-americanos, nos movimentos sociais afro americanos, nos discursos femininos, no papel da ideologia no discurso, etc. É um recurso chave para textos cruciais que tratam o cruzamento da retórica e do ativismo social. Da mesma forma, Bowers, Ochs, Donovan, Jensen, e Schultz (2010) descrevem estratégias específicas empregadas pelos ativistas de movimentos sociais, de ordenar o agravamento das estruturas de poder para comandar a tomada de decisão em contextos democráticos. Del Gandio (2008) realiza uma análise de táticas retóricas utilizadas para a mudança social. Na verdade, o seu livro inteiro diz respeito às maneiras nas qual os profissionais de comunicação podem precipitar esforços ativistas para um desacordo radical na sociedade.

Mudança Social e a “Mídia Legada”

A influência hegemônica e corporativa sobre a mídia pode ter resultados devastadores para os defensores da mudança social. No Brasil, este controle é nítido, porém, complicado. Herscovitz (2003) esboça uma mudança no relacionamento entre as estruturas políticas no Brasil e a mídia. O país tem tradicionalmente uma divisão marcada entre os ricos e os pobres, com a mídia permanecendo nas mãos de alguns poucos indivíduos ricos. Em outros tempos, a mídia servia plenamente aos interesses das elites como o seu cão de guarda, como ocorreu durante a difícil ditadura cívil-militar (Dreifuss, 1987), quando o governo fechou (e chegou a incendiar) agências de notícias e jornais críticos à situação, além de encarcerar e torturar dezenas de jornalistas. Nesta época, o governo

trabalhou ativamente para controlar a psique cultural da população, através de uma vigilância aberta e ideológica (Ortiz, 1985). Além disso, os periodistas deram "máxima cobertura" aos militares, "bem como apoio às suas atividades e idéias" (Dreifuss, 1987, p. 244). Após o retorno ao regime democrático, em 1985, os políticos e donos da mídia surgiram do mesmo grupo limitado das elites. A mídia servia de colete da elite, demonstrando pouca criatividade em relação ao conteúdo e distanciando-se do jornalismo investigativo. Finalmente, no começo dos anos 1990, muitos jornalistas, tipicamente àqueles de orientação mais liberal do que os donos dos jornais mais conservadores, trabalharam para descobrir um escândalo sobre o presidente daquela época, Fernando Collor. Através do jornalismo investigativo, muitos repórteres se tornaram cães de guarda do povo. Depois do "Collorgate," a mídia desenvolveu uma "fome para o escândalo" dentro e além do governo, por isso, alguns a culpam de ser "superficial, agressiva, e pessimista" (p. 123).

Os brasileiros contemporâneos tendem a ter uma relação ambivalente com a imprensa. Uma pesquisa de BBC/Reuters demonstrou que os brasileiros geralmente desconfiam das notícias, com apenas 45% deles acreditando que elas são precisas. Porém, outros relatos (Newman, Fletcher, Levy & Neilsen, 2016) sugerem uma alta confiança na mídia, apesar de desconfiar do viés dos jornais. Esta desconfiança induziu 44% dos brasileiros pesquisados a trocar suas fontes de informação no último ano. Nesta pesquisa, os brasileiros declararam que confiam mais nos jornais impressos e menos nos blogs da Internet (BBC/Reuters/Media Center Poll, s.d.). Além disso é registrada a difusão

das mídias sociais no Brasil. Em 2016, o país somava 83 milhões de usuários do Facebook (em segundo lugar o WhatsApp). O estudo também mostrou que 22% dos brasileiros que vivem em áreas urbanas pagaram para ler notícias online, o que coloca o país em terceiro lugar entre várias nações pesquisadas por Newman et al. no Reuters Institute Digital News Report 2016. Essa reportagem declara que existe no Brasil uma “cultura hiper-social”, que pode explicar porque 52% dos brasileiros urbanos consomem mais notícias online do que através da mídia tradicional.

Nova Mídia e Não-Mídia em Protesto

Um dos problemas com a maioria das pesquisas de movimentos sociais relacionadas à comunicação é que elas são arcaicas. O advento de celulares, da Internet e das mídias sociais alterou radicalmente algumas estratégias e táticas dos ativistas. As mídias digitais têm implicações fundamentais em como a comunicação opera dentro dos movimentos sociais.

Com relação especificamente ao Brasil, Fidelis e Lopes (2015) reportam que 77% dos manifestantes que participaram dos protestos Jornadas de Junho de 2013 souberam do movimento pelo Facebook. Os autores chamam a mídia social em geral de ferramenta para organização e mobilização das pessoas para uma causa social, especialmente no Brasil, onde existe uma “relativamente densa capilaridade que as redes sociais adquiriram nos últimos anos na região” (p. 51). Luvizotto (2016) alega que a penetrabilidade da nova mídia, além do seu potencial para a criação de conteúdo democrático, poderia torná-la um lugar para o ativismo. O que resta saber, porém, é em que grau tais mudanças trazem simplesmente percepção

ou engajamento, ou ainda se formas mais tradicionais de protesto ou envolvimento terão algum efeito.

Pesquisadores têm lamentado como a Internet, que prometeu revolucionar a democracia, agora se tornou mais uma ferramenta do capitalismo liberal. A Internet levou a mídia tradicional do “empurrão”, no qual ela precisava se esforçar para apresentar as notícias, para um médio “puxão,” o que significa dizer que agora, diferente de antes, são os usuários que estão ativamente procurando a informação, ao invés de se empurrar notícias para eles, como funcionava antes. Como aconteceu com a televisão e o rádio, a comunicação online tem se revelado menos transformadora do que originalmente se imaginava (Maarak, 2011). Para começar, as mídias digitais distraem. Os usuários são bombardeados com opções de diversão. Segundo, enquanto os usuários interagem com as mídias, as ferramentas de busca ficaram sábias em relação aos algoritmos que acompanham o histórico de pesquisas dos usuários; e com isso passam a enviar anúncios em pop-ups, sugestões de produtos para comprar e outras informações que parecem ter encontrado por acaso os usuários, buscando imitar o tradicional “empurrão.” Por fim, mesmo que a mídia online proporcione ferramentas baratas e ostensivas para grupos ativistas, as desvantagens paralisam esforços progressistas em relação às mudanças sociais. O “Cíber-utopianismo” (Hill, 2013) acerca da Primavera Árabe glorificou a utilização das mídias sociais para a realização de protestos. Mas muitos pesquisadores explicam como se exagerou sobre o impacto das mídias sociais, ou ainda esclarecem que as técnicas de comunicação cara-a-cara tinham a mesma importância igual, se-

não maior, durante a Primavera Árabe (Dalacoura, 2012, Dubai Press Club, 2012; Gerbaudo, 2012).

O Contexto Atual

A pesar do crescimento econômico experimentado durante o governo de Dilma Rousseff, as elites brasileiras rezaram pela sua queda (Greenwald, Fishman, & Miranda, 2016). De fato, com a ajuda da gigante midiática, Globo, as elites orquestraram manifestações imensas para o impeachment de Rouseff, frequentadas em grande parte pelos cidadãos da classe média alta (Miranda, 2016; Ruviano & Chretien, 2016). Como lembrou um comentarista, "A mídia convencional é raivosamente neoliberal e completamente inútil... A classe média alta era o seu alvo principal, pois eles tinham razões econômicas, sociais e políticas para estarem infelizes" (Filho, 2016). E, quando a economia entrou em colapso, os "pobres se tornaram visíveis pela sua ausência" (Anderson, 2016). Falando do contexto brasileiro, Carlos Coutinho (2012) descreve este processo em termos gramscianos como uma "revolução passiva" pela qual as elites "favoreceram as tentativas de se empreender uma 'cooptação' transformada de certas camadas da classe trabalhadora, que tinham sua expressão política no reformismo" (p. 40).

No 16 de Agosto de 2015, hordas de manifestantes se juntaram em cidades por todo Brasil para expressar o seu fervoroso desgosto com a presidente Dilma Rousseff, que já se encontrava sitiada (Phillips, 2016). Os motivos por trás da desaprovação crescente do povo como entidade política em relação à primeira presidente mulher do Brasil tinha formas diversas e complexas. Algumas pessoas a culpavam diretamente pela retração econômica que se abateu sobre

os cofres nacionais. Contudo, ela ainda não havia sido implicada oficialmente em nenhum esquema de corrupção. Muitos se convenceram de que, pela sua posição de destaque, ela também estava envolvida no vexatório esquema de subornos da gigante de petróleo do Estado, a Petrobras, que já tinha derrubado vários outros políticos nacionais (Prengaman & Savarese, 2016).

Mesmo diante dos protestos, continuava Dilma Rousseff e os seus seguidores a se referirem aos protestos como sinal de uma esfera pública sadia e representativa do sentido crescente de empoderamento dos brasileiros. Rousseff sugeriu que os protestos eram fruto de alguns cidadãos descontentes, na melhor das hipóteses. Algumas agências de notícias, talvez atuando como órgãos de fato do Estado, minimizaram a importância dos protestos (Gielow, 2015; "Protests Fall Short," 2015). Em essência, a administração de Dilma Rousseff usou as palavras para rebater o discurso em forma de diálogo aberto com o povo brasileiro — um esforço que parecia reificar o compromisso da presidente com a democracia básica, em vez de dispensar mais um golpe contra a sua já enfraquecida popularidade.

Menos de dois anos depois, no 24 de maio de 2017, Michel Temer reagiu de forma bastante diferente à insatisfação pública semelhante. Enfrentando milhares de manifestantes que ocupavam Brasília para protestar contra os profundos cortes no orçamento e também para condenar o suspeito envolvimento do presidente no escândalo da Petrobras, ele mandou tropas para enfrentar a manifestação e "restaurar a ordem," como falou ele. Enquanto a violência se intensificou na cidade, prédios de vários ministérios fo-

ram evacuados, com tropas instaladas para guardar vários prédios federais, inclusive o palácio presidencial. Esta intervenção da polícia militar demonstrou que, na sua breve estadia como presidente, Temer estava disposto a fazer uso da força física para silenciar a manifestação ou até mesmo tratar dissidentes violentamente, utilizando balas de borracha (e, de acordo com algumas testemunhas pessoais, verdadeiras) e gás lacrimogênio contra eles (Brooks & Boadle, 2017; Phillips & Partlow, 2016).

Diante desta mudança perturbadora, na qual o povo é afastado cada vez mais de um ambiente de liberdade de expressão, de quais formas o poder público pode responder a estas manifestações e o que está se mudando para garantir a autonomia dos cidadãos para que eles se engajem em oportunidades e encontrem voz em uma sociedade democrática contemporânea? Eventos e tendências globais recentes sugerem que uma virada à esfera digital poderia ser a saída mais promissora para as expressões coletivas de insatisfação, particularmente para as gerações mais jovens do Brasil, embora já tenhamos notado críticas a tal forma de ativismo. A última crise política e a fértil confluência de pressões e exigências que os brasileiros enfrentam levantam uma questão intrigante: como talvez os avanços tecnológicos podem ser melhor incorporados e funcionarem de forma mais eficaz dentro de uma política que se congratula por um conjunto próprio de contornos e epistemologias culturais bastante singulares? E qual papel deve desempenhar o envolvimento político face a face, desde a conscientização interpessoal até o protesto público?

Três Narrativas

Aqui, buscamos iniciar um diálogo sobre o potencial dos canais de comunicação digitais e presenciais para servir como formas vitais de voz democrática no Brasil do século XXI. Não estamos tentando chegar a qualquer tipo de “verdade” definitiva sobre a atual crise brasileira, ou buscando respostas variadas de seus cidadãos a esse desafio político e cultural assustador, ou ainda sobre a relação potencial entre mídia digital e democracia no Brasil. Realizar tal tentativa seria presunçoso.

Em vez disso, oferecemos essas experiências e observações díspares como três estudiosos da Comunicação e colegas universitários que compartilham um profundo e permanente interesse pelo Brasil e o seu futuro. Nossas experiências com o nosso vizinho sul-americano são diversas: dois de nós foram residentes no final da ditadura militar em meados da década de 1980, enquanto o terceiro foi recentemente introduzido na terra da Ordem e Progresso. Reconhecemos abertamente que, como norte-americanos nativos, nossas lembranças e opiniões no Brasil são firmemente as de observadores externos. No entanto, como estudiosos com registros de publicação e interesses ativos em temas tão variados como a cultura popular brasileira, a comunicação intercultural, a prática do jornalismo, os movimentos sociais e o papel e função da hegemonia na política nacional e na vida social, estamos convencidos de que as considerações que compartilhamos devem contribuir para uma discussão que é maior que os nossos próprios interesses.

Primeira narrativa: Batendo papo em um bar

No verão de 2015, tive a honra de lecionar em um curso pós-graduação em Teoria Crítica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, como bolsista Fulbright. Naquela época, muitos brasileiros já sentiam os efeitos econômicos da corrupção alegada entre a Presidente Dilma Rousseff e a Petrobras, entre outros escândalos. Em pelo menos duas ocasiões durante a minha estadia, observei e experimentei tentativas de uma greve geral, na qual os cidadãos que trabalhavam direta e indiretamente para o estado faltaram ao trabalho como símbolo de protesto ("Nationwide protests," 2015). A ideia principal por trás da greve era a de que a união solidária de trabalhadores de diversas áreas poderia demonstrar o impacto econômico que tais categorias poderiam produzir na economia.

Os motoristas de táxi e ônibus, professores, profissionais dos serviços de emergência, entre outros, poderiam participar da greve. Muitas pessoas com as quais eu conversei temiam que a greve pudesse literalmente paralisar todos os serviços da cidade. Particularmente, na universidade, alguns se preocupavam pelo fato de que os escritórios pudessem ser fechados e também porque praticamente nenhum trabalho administrativo aconteceria. No dia da primeira greve, enquanto alguns ônibus estavam atrasados e em alguns escritórios faltavam funcionários, a maioria das áreas não se viu afetada. As preocupações sobre a magnitude da greve eram exageradas e mal colocadas. A segunda greve foi ainda mais impotente do que a primeira, já que os cidadãos não só pareciam estar cansados do ativismo cívico, como também o

sentimento geral de mal-estar também parecia frear a adesão.

Percebi que alguns brasileiros experimentavam outros tipos de frustrações. Embora eu tenha tido a impressão de que a maioria estava bem informada sobre as questões políticas em geral e sobre a situação de corrupção em particular, os brasileiros com os quais eu conversava acreditavam que eles poderiam fazer muito pouco para mudar as circunstâncias nas quais viviam. Os sentimentos de falta de eficácia, apesar de altos graus de conhecimento político, significavam que o brasileiro típico não conseguiria se envolver em formas de ativismo e muito menos participar de uma greve geral.

Na minha primeira noite em Belo Horizonte, meu contato na universidade me levou a um restaurante perto do campus. Ao lado da nossa mesa estavam sentados três brasileiros que aparentavam estar no final dos seus vinte e poucos anos ou iniciando os trinta. Eles estavam falando português, é claro, então eu tive dificuldade em entender a maior parte da conversa deles. Mas, enquanto eles continuavam bebendo, foram ficando mais exaltados, e então eles começaram a recitar frases em inglês do seriado televisivo *Breaking Bad*. Como fã do show, reconheci imediatamente as cenas e os personagens representados nas interpretações embriagadas e cômicas dos brasileiros. Olhei para a mesa onde eles estavam e terminei uma das frases, eles riram e nos apresentamos.

Eu falava muito pouco português na época, então com meu espanhol e italiano quebrados e o mínimo inglês deles, conseguimos conversar por um tempo. Eu me ofereci para realizar um truque de mágica com algumas cartas que eu tinha e com isso

descobri que um dos rapazes, Gabriel, era um jogador de pôquer profissional. Com nosso interesse comum em *Breaking Bad* e no jogo de cartas, nos tornamos amigos instantâneos. Na verdade, depois daquela noite, Gabriel me convidou em diversas ocasiões e me mostrou salões de pôquer profissionais, alguns restaurantes agradáveis e pontos turísticos noturnos, incluindo um salão de bilhar sofisticado que ficava no topo de uma montanha e tinha vista para a cidade.

Gabriel e seus amigos não moravam em uma favela nem tampouco se encaixavam no estereótipo dos jovens de vinte e poucos anos dos Estados Unidos que são liberais, bebem café com leite, são ambientalistas e ávidos por proselitismo de outros na tentativa de salvar o mundo. Em vez disso, Gabriel e seus amigos eram o que os americanos poderiam chamar de caras de “colarinho azul”, que poderiam ser situados mais ou menos como classe média baixa para média. Embora Gabriel fosse um jogador de pôquer, eu ainda consideraria que ele fazia parte desse grupo socioeconômico já que seus amigos pertenciam à classe trabalhadora, frequentavam estabelecimentos da classe trabalhadora, além de sua família também poder ser reconhecida como integrante de uma classe trabalhadora sólida. Enfatizo este ponto para fornecer o contexto das minhas impressões sobre as inclinações políticas de Gabriel e, por extensão, de seus amigos.

Eles tinham muito conhecimento dos assuntos do mundo em geral e da política brasileira em particular. Apesar do incrível crescimento econômico que o Brasil experimentou durante o governo de Dilma Rousseff, Gabriel e seus amigos desconfiavam extensivamente dela. Gabriel chegou a me dizer em algumas ocasiões

que ele não confiava nessas “políticas socialistas”. Na verdade, uma das políticas mais controversas que a presidenta herdou de Lula e que ela expandiu é o conhecido programa Bolsa Família, que basicamente dá aos pobres dinheiro para gastar com o que quiser. Enquanto uma política “socialista”, ela também é de natureza neoliberal, pois proporciona às pessoas dinheiro discricionário que beneficia diretamente empresários e empresas (Tepperman, 2016). No entanto, o Bolsa Família ainda é amplamente percebido como um experimento socialista que entrega dinheiro para pessoas que não trabalham para isso. Gabriel e seus amigos, altamente influenciados pelas representações do programa pela gigante da mídia, a TV Globo, sentiam que suas altas taxas de impostos não deveriam ser remetidas para pessoas que não trabalhavam. Assim, apesar dele e de seus amigos serem fruto de uma base econômica de origem humilde, eles não gostaram de ajudar os pobres quando percebiam que tinham que se sacrificar para fazê-lo.

Mas seria injusto dizer que Gabriel e seus amigos estavam frustrados unicamente com a esquerda brasileira. Eles suspeitavam da política brasileira - e dos políticos - em geral. E a suas frustrações são por boas razões. De acordo com Romero e Sreeharsha (2016), “60% dos 594 membros do Congresso Brasileiro enfrentam graves acusações como suborno, fraude eleitoral, desmatamento ilegal, sequestro e homicídio, de acordo com a Transparency Brazil, um grupo de monitoramento de corrupção” (np). Com estatísticas tão surpreendentes, praticamente qualquer pessoa com conhecimento dos assuntos políticos provavelmente ficará desapontada. Se tantos políticos são

corruptos, parece improvável que a política democrática se altere muito.

E esses sentimentos de ineficácia, mal-estar e frustração eram exatamente o que Gabriel e os seus colegas sentiam. Eles sabiam o que estava acontecendo e ficaram irritados com isso, mas ultimamente eles se sentiam incapacitados para agir. Mesmo com suas habilidosas experiências com o Facebook e WhatsApp, eles não estavam dispostos a pensar que as ferramentas à sua disposição poderiam ajudar muito. Em última análise, eles acreditavam que as greves gerais eram uma perda de tempo e uma enorme inconveniência. Apesar deles quererem ver Dilma Rousseff impugnada, eles não estavam entusiasmados com as perspectivas de seu substituto. Eles gozavam das liberdades e dos direitos consagrados na democracia, mas não sentiam como se pudessem fazer muita coisa para protegê-los.

Narrativa Dois: Zoeira na Praça Portugal, Fortaleza

Era meados de agosto de 2015 e eu estava em uma excursão sabática pelo Brasil para estudar formas de música popular local e eu encontrava-me hospedado em um hotel em uma rua tranquila perto da praia, na parte nordeste de Fortaleza. Eu tinha uma agenda generosamente pontuada por entrevistas com artistas locais e acadêmicos de música, visitas regulares à uma universidade da área para realizar uma conferência como convidado e também explorar oportunidades de pesquisas conjuntas. Ainda assim sobrou bastante tempo para aproveitar os vários pontos históricos e as gloriosas oportunidades culturais da cidade – e um professor local parecia especialmente interessado em me expor a todas facetas

possíveis da sua cidade amada. Neste esforço, ele me avisou sobre a apresentação pública que havia sido marcada para domingo à tarde na Praça Portugal, um dos maiores espaços públicos da cidade. A experiência na praça naquela tarde no domingo ocupou um espaço importante no extenso diário que compilei durante a minha estadia de cinco semanas em Fortaleza. Um trecho:

Cerca de 30 minutos depois de chegar na Praça de Portugal, a minha primeira impressão foi a de que talvez os Nordestinos entendessem o capitalismo um pouco melhor do que eu tinha lhes creditado até então. Sim, essa foi uma manifestação política contra uma ideologia de esquerda - mas, de certo modo, era também uma forma de promoção da livre iniciativa. Assim, todos os vendedores de garrafas de água, caju, óculos de sol e relógios de pulso da região metropolitana pareciam ter descido para o parque para aproveitar a grande multidão que vestia amarelo e verde. Ainda mais impressionante, vários vendedores ambulantes trouxeram produtos dedicados especificamente à manifestação: cópias baratas da bandeira nacional brasileira, que logo se tornaram capas improvisadas diante do sol desafiador do meio da tarde; camisetas amarelas feitas em casa com slogans raivosos; e até mesmo um cão esperto vestido com o casaco favorito de Dilma Rousseff e um chapéu com um arco-íris de cores onde estava escrito 'Fora Dilma!' no lugar. Um dos cartazes mais comuns que circulavam pela multidão se articulava melhor do que a maioria do descontentamento apresentados pelo restante das pessoas. "O Mensalão, O Petrolão, O Eletricão", lia-se em referência às três maiores falhas do mandato da presidente até aquele momento.

No canto mais distante da praça foi estacionado um caminhão de som com um palco em cima. Havia uma organização semelhante a uma fila na qual convida-

dos se revezavam gritando trivialidades ao microfone e entoando cantos que a multidão seguia. Estranhamente notei que a maioria dos outros participantes parecia conhecer todas as palavras, embora estivessem claramente sendo criadas no momento (uma amostra: "Estamos aqui na Praça de Portugal / Para despedir-nos de Dilma / Para despedir-nos do Lula / E agradacê-los por levar o PT junto quando eles forem"). Mas fora desta única ruga na imagem total, foi difícil ver o drama se desenrolar e não pensar nisso como uma versão brasileira de uma celebração do Dia da Independência em casa. De muitas maneiras, esta situação foi uma experiência muito parecida com o dia 4 de julho na praça da minha cidade, só que com uma paleta de cores particular (na verdade, eu tinha que continuar me lembrando que eu não estava em um jogo do Packers!): Crianças com os rostos pintados gritando e correndo, os vendedores de picolés vendendo suas mercadorias o tempo todo, e o resto da multidão estava geralmente enrolando e esperando por algo incomum ou importante acontecer. Eu mantive uma mão firme ao redor da alça da minha bolsa de ombro e os olhos no grupo de policiais do batalhão de choque, que seguiam circulando sombriamente ao redor da praça - e depois de uma hora ou mais vivendo esta situação, finalmente decidi chamar isso de "um dia".

Se as minhas lembranças gravadas naquela tarde de domingo na Praça Portugal são pesadas em relação aos detalhes sobre a qualidade do evento, elas dizem muito pouco sobre as muitas maneiras pelas quais alguns dos principais participantes daquela manifestação trouxeram algum elemento inesperado ou até mesmo bizarro ao ambiente daquela feira de rua. Lembrei-me desse elemento surreal para a demonstração no outro dia, enquanto eu olhava o conjunto de fotografias que tirei naquela tarde. Havia fotos de famílias vestidas em coleções verde e ouro

na praça, fotos da multidão cantando os slogans mais inteligentes do dia e também fotos deles acenando os cartazes com raiva - mas também uma imagem bastante perturbadora de um manifestante com uma máscara macabra e capa escura familiar, posando como o "Grim Reaper" para fotos de recordação com os sorridentes transeuntes.

A aparência da própria Morte em uma manifestação de rua, que pede a expulsão de uma presidenta sitiada, realmente não deveria ser uma surpresa. Surgindo de um país e um povo que, de verdade, criaram um conceito de celebração do Carnaval, se poderia no mínimo esperar algum elemento carnavalesco em qualquer grande reunião pública realizada no país. Ainda assim, considerando novamente o choque bastante estranho entre a atmosfera familiar e o bizarro na Praça Portugal, imediatamente me lembrou de outros momentos da história brasileira em que a justaposição, às vezes desconfortável, parece ter desempenhado um papel central na defesa de políticas mais amplas, mudanças sociais e culturais. Talvez o exemplo mais óbvio seja o movimento Tropicália de curta duração do final dos anos 1960 e início da década de 1970, com Veloso e Gil, Zé e Os Mutantes, entre outros, tirando do mesmo éter uma declaração de resistência turbulenta e muitas vezes surrealista contra o regime militar daquela época (Chidester & Baldwin, 2013).

Isso nos leva à zoeira - e seria difícil encontrar uma expressão mais apropriada ou direta do espírito carnavalesco da política moderna brasileira. Em um artigo de agosto de 2016 no Washington Post, o repórter dos Estados Unidos, Shannon Sims, compartilha "Seis palavras que lhe dizem tudo o que você

precisa saber sobre o Brasil". A definição de zoeira dos Sims? Uma tendência para brincar, particularmente quando os tempos são difíceis. Essa breve descrição pode servir para introduzir os turistas norte-americanos em um conceito cultural desconhecido, mas faz muito pouco para revelar como o espírito da zoeira pode influenciar momentos do dia a dia vividos sobre o solo deste gigante país sul-americano. Talvez não seja uma surpresa que a lista de Sims inclua também uma ironia inteligente e intertextual sobre os defensores desonrados do partido de Dilma Rousseff: o petralha. O repórter observa que os petralhas são estereotipados como «um destinatário de bem-estar preguiçoso, trabalhadores sindicalistas em greve e estudantes universitários barulhentos, com barba que se especializaram em sociologia e que fumam maconha» (p. 4). Cabe aos leitores brasileiros do Post preencher as lacunas na descrição dos Sims; eles observam que o petralha é uma peça de teatro na Disney Beagle Brothers, conhecida como Irmãos Metralha no Brasil. Os personagens, arqui-inimigos de Scrooge McDuck, são assaltantes - assim, acrescentando o "PT" do Partido dos Trabalhadores de Rousseff para criar impostos. Petralha se tornou uma sutil, porém, potente acusação de corrupção generalizada contra o partido e suas principais figuras políticas.

Neste caso, mais indicativo ainda do espírito de zoeira é a quarta palavra na lista humorística de Sims: coxinha. De acordo com o repórter, um coxinha é o oposto radical do petralha: um apoiador da filosofia centro-direta de Temer que mostra o "rico playboy burguês, vestido de camisa polo de cor pastel com colarinho levantado, usando óculos escuros Ray-Ban comprados em Miami, e exibindo um relógio de pulso

grande recebido de presente de Natal do pai" (Sims, 2016, p. 5). É claro que este gracejo desagradável é o balanço da caracterização satírica do petralha; é fácil imaginar o "zoador" ocupando uma posição confortável entre os dois extremos, o petralha e o coxinha, alegremente escoriando os excessos dos dois tipos de brasileiros e ao mesmo tempo firmemente recusando o convite para definir uma posição própria. Eu me pergunto: como alguém pode realmente reivindicar mudanças por meio de novas tecnologias digitais ou de qualquer outra forma, quando este alguém se contenta simplesmente em escorchar desta maneira tão brasileira todos e quaisquer políticos?

Narrativa Três: Sarando Feridas com Suturas Virtuais?

Eu escrevo esta narrativa na Cidade do Panamá, onde leciono para um grupo de estudantes dos Estados Unidos sobre identidades na mídia latinoamericana. A surpresa era previsível quando nós saímos do metrô na estação 5 de Maio para encontrar um grande painel de grafite/arte de muro (a linha entre as duas coisas às vezes é artificial): "20 de dezembro de 1989: Duelo Nacional. O governo ianque invadiu este país e matou pessoas inocentes — ninguém sabe quantas. A ferida permanece aberta.". Embora as narrativas hoje sejam sobre o Brasil e não Panamá, e a resposta dependa dos cidadãos ao seu próprio governo e não aos invasores estrangeiros, o graffiti me lembrou mensagens parecidas que vi em Belo Horizonte e Porto Alegre - mensagens de protesto sobre salários, corrupção governamental, sistemas de transporte, e assim por diante. Pergunta-se o impacto que essa arte tem na persuasão. Mas hoje, mais "graffiti"

adorna as “paredes” de nossas redes sociais do que as paredes de edifícios e carros de metrô.

Minha rede social inclui muitos brasileiros, de Belo Horizonte a Brasília. Algumas de suas postagens, como mensagens em redes sociais em qualquer país, contém críticas reflexivas, convites para o diálogo sobre a paridade para os diferentes sexos, gêneros, raças ou orientações sexuais. Outras são apenas dardos rápidos lançados no “outro lado”. Um amigo conservador de meia-idade de Manaus, a quem chamarei fulano, publica um vídeo traduzido sobre Donald Trump, desejando que o Brasil tenha um líder tão forte quanto. Outro, “Zutano”, membro do exército brasileiro, publica um meme contendo um vídeo dizendo: “Lula afirma: ‘Jair Bolsonaro é o pior inimigo do PT [Partido dos Trabalhadores]’, mas esse é o objetivo. KKKKKKKKKKK.” O vídeo termina com um vídeo de um homem rindo fortemente como se fosse à afirmação do Lula. Em outra piada, talvez uma citação de uma canção, meu amigo diz: ““Para sobreviver uma guerra, tem que viver uma guerra”. Suas mensagens se misturam com fotos de sua família e gritos para League of Legends. Um terceiro amigo, “Mengano”, é um estudante de arquitetura. Ele evita memes e insultos de uma única frase, optando por mensagens como:

É triste saber que ainda hoje tempos depois da abolição da escravatura, ainda sim as pessoas são vítimas da escravidão... Trágico é saber que há pessoas que se julgam superiores a outras, seja pela cor da pele ou pelo status na sociedade.

A maioria dos meus contatos no Brasil, como a maioria dos meus amigos de outros lugares, dedica

seus espaços sociais virtuais a imagens de amigos e vídeos de gatinhos.

À luz desse manuscrito - e o descontentamento que percebi em ambos os dois últimos contatos observados, perguntei a cada um se eu poderia compartilhar sua perspectiva do impacto das mídias sociais sobre a mudança social. As respostas são reveladoras. Zutano, que publica mensagens políticas frequentes, diz:

Acho que a Internet não está sendo algo bom para os jovens do Brasil, porque eles não procuram pesquisar ou se informar se as notícias e histórias que escutam é verdadeira. Sendo assim, os jovens acabam acreditando em qualquer coisa e saem fazendo protesto e manifestação sem saber a verdadeira causa.

Mengano, que evita memes, argumenta:

Acredito que [as redes sociais] fortalece[m] e estimula[m] muito os jovens a fazer valer seus direitos. Até porque atualmente as pessoas passaram a ser mais ouvidas em protestos midiáticos de grande massa global do que em protestos minimalistas como em passeatas como ocorria antes.

As opiniões dos homens, ambos no início dos seus 20 anos, sobre as mídias sociais e o seu papel no protesto e mudança do governo diferem consideravelmente. Esses comentários ocorrem em diferentes contextos de raça, classe social, ocupação, experiência educacional e localização no país. Além disso, cada um aparece no contexto retórico das mensagens dos outros escritores em suas postagens de redes sociais, de maneira que, como é provável para a maioria de nós, revelam padrões de consistência e inconsis-

tência. As duas opiniões sugerem a necessidade de uma maior pesquisa sobre percepções e usos "sobre o terreno" das mídias sociais e protestos entre os jovens no Brasil: as mensagens políticas nos fóruns das mídias sociais são apenas uma forma verbal de competição ou podem levar a um diálogo efetivo e mobilização? Eles podem ajudar a curar as "feridas abertas" dentro e entre os países, ou eles apenas servem para lançar sal nas feridas?

Conclusão

Tendo rastreado algumas das ideias por trás dos movimentos e suas ferramentas de comunicação, podemos entender melhor a sensação de agitação do Brasil contemporâneo. Muitos brasileiros desconfiam das instituições governamentais e dos políticos, mas também sentem que estão destituídos de poder para criar qualquer mudança social significativa. Os movimentos sociais no contexto brasileiro enfrentam outros problemas. Como diz Fontes (2015), "A atividade política de base é dispersa, fragmentada em diferentes territórios; é economicamente controlada por setores comerciais (ou filantrópicos) e sobrecarregada pelo combate de inúmeros problemas, ao mesmo tempo que atua local e paliativamente" (p. 54). Além disso, essa fragmentação torna-se exacerbada quando consideramos a atomização resultante do uso das mídias sociais. No entanto, talvez as mídias sociais possam ser incorporadas para superar alguns dos outros problemas que enfrentam os movimentos de protesto contemporâneos no Brasil. Por exemplo, continuamos esperançosos de que as mídias sociais possam enfrentar os custos financeiros tradicionais que incidem tipicamente sobre os movimentos, su-

perar a dispersão geográfica de grupos ativistas e potencialmente evitar os obstáculos burocráticos e governamentais.

No final das contas, o que tudo isso significa? Se as gerações mais novas do Brasil têm acesso, sem precedentes, aos avanços tecnológicos que precisam para se encontrar uma voz pública, esse acesso é filtrado através de um espírito nacional de zoeira até certo ponto que se deve imaginar a longo prazo a eficácia deste pós-moderno e muito brasileiro - modo de falar a verdade ao poder. Será que este extenso "Carnaval eletrônico do absurdo" acabará por reivindicar os mesmos tipos de vitórias ideológicas que a Tropicália conquistou há cerca de 50 anos? Ou o apelo da zoeira prejudicará a própria capacidade desta voz digital global afetar qualquer mudança real ou significativa em um Brasil do século XXI? Como sempre, só o tempo irá dizer.

Referências

ANDERSON, P. **Crisis in Brazil**. [Crise no Brasil]. London Review of Books, v. 38, n. 8, p. 15-22, 21 April 2006. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v38/n08/perry-anderson/crisis-in-brazil>>. Acesso em 21 julho 2017.

BBC/REUTERS/MEDIA CENTER POLL. **Trust in the media**. [Confiança na mídia]. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/shared/bsp/hi/pdfs/02_05_06mediatrust.pdf>, [s.d.]. Acesso em 21 julho 2017.

BOWERS, J. W., OCHS, D. J., JENSEN, R. J., and SCHULTZ, D. P.. **The rhetoric of agitation and control** [A retórica de agitação e controle], 3. ed. Long Grove, IL: Waveland Press, 2010.

BROOKS, B., and BOADLE, A. **Protesters, police clash in Brazil's 1st general strike in decades** [Manifestantes, polícia lutam na primeira greve geral no Brasil em décadas]. Reuters. Disponível em: <<http://uk.reuters.com/article/uk-brazil-politics-protests-idUKKBN17U0EB>>, 27 April 2017. Acesso em 21 julho 2017.

CHIDESTER, P. J., and BALDWIN, J. R. **Shattering myths: Brazil's Tropicália movement** [Estilhaçando mitos: O movimento *Tropicália* no Brasil]. In: HALL, L. E. (Org.), **Song and social change in Latin America** [Canção e a mudança social na América Latina]. Lanham, MD: Lexington, 2013. p. 27-48.

CHODOR, T. **Neoliberal hegemony and the Pink Tide in Latin America: breaking up with TINA?** [Hegemonia liberal e onda rosa na América Latina: Separando-se da TINA]. New York: Palgrave MacMillan, 2015.

COUTINHO, C. N. **Gramsci's political thought** [O pensamento político de Gramsci]. Chicago: Haymarket Books, 2012.

DALACOURA, K. **The 2011 uprisings in the Arab Middle East: political change and geopolitical implications** [As insurreições de 2011 no Oriente Médio: Transformação política e implicações geopolíticas]. *International Affairs*, v. 88, n. 1, p. 63-79, 2012.

DEL GANDIO, J. **Rhetoric for radicals** [Rétorica para radicais]. Gabriola Island, British Columbia: New Society Publishers, 2008.

DREIFUSS, René Armand. **1964: A conquista do Estado**. Ação política, poder e golpe de classe [1964: The conquest of the State: Action, politics, power, and class coup. (5th ed)]. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

DUBAI PRESS CLUB. **Arab Media Outlook 2011-2015: forecasts and analysis of traditional and digital media in the Arab World** [Arab Media Outlook 2011-2015: Previsões e análise da mídia tradicional e digital no Mundo Árabe]. Disponível em: <<http://stmjo.com/en/wp-content/uploads/2015/06/Arab-Media-Outlook-2011-2015.pdf>>, 2012. Acesso em 21 julho 2017.

FIDELIS, F, and LOPES, F. M. E. **Jornadas de Junho de 2013: forma de mobilização online e a ação de ativistas em Brasília por meio do Facebook** [June Journeys of 2013: Online mobilizations and the action of activists in Brasília on Facebook]. *Universitas. Arquitetura e Comunicação Social*, v. 12, n. 1, p. 37-53, 2015.

FILHO, A. S. **Overthrowing Dilma Rousseff – It's class war, and their class is winning** [Destituindo Dilma Rousseff – É uma Guerra de classe, e a sua classe está ganhando]. *The Bullet*, 23 Mar 2016. Disponível em: <<http://portside.org/2016-03-24/overthrowing-dilma-rousseff-its-class-war-and-their-class-winning>>. Acesso em 21 julho 2017.

FONTES, V. **BRICS, capitalist-imperialism and new contradictions** [BRICS, imperialismo capitalista e novas contradições]. In POND, P. and GARCIA, A. (Org.), **Brazil, Russia, India, China, South Africa: An anti-capitalist critique** [Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul: Uma crítica anti-capitalista]. Chicago: Haymarket Books, 2015. p. 45-60.

GERBAUDO, P. **Tweets and the streets: social media and contemporary activism** [Tuites e as ruas: Mídia social e ativismo contemporâneo]. London: Pluto, 2012.

GIELOW, I. **Previsível, menor adesão revela narrativa diferente da de 92**. [Predictable, smaller turnout reveals different narrative than 1992]. Folha de São Paulo, 13 Dec 2015. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20151215135019/http://www1.folha.uol.com.br:80/poder/2015/12/1718582-previsivel-menor-adesao-revela-narrativa-diferente-da-de-92.shtml>>. Acesso em 9 sept. 2017.

GREENWALD, G, FISHMAN, A, and MIRANDA, D. **Brazil is engulfed by ruling class corruption – and a dangerous subversion of democracy** [O Brasil está esmagado pela corrupção da classe dominante – e uma subversão perigosa da democracia]. The Intercept, 18 mar 2016. Disponível em: <<http://portside.org/2016-03-30/brazil-engulfed-ruling-class-corruption-%E2%80%94-and-dangerous-subversion-democracy>>. Acesso em 21 julho 2017.

HERSCOVITZ, H. **Social and institutional influences on news values and routines in Brazil: from military to democracy** [Influências sociais e institucionais nos valores e rotinas das notícias no Brasil: Desde as forças armadas para a democracia]. In LIN, C. A. and SALWEN, M. B. (Org.), **International communication: concepts and cases** [Comunicação internacional: Conceitos e casos]. Belmont, CA: Wadsworth, 2003. p. 110-128.

HILL, S. **Digital revolutions: activism in the Internet Age** [Revoluções digitais: Ativismo na Idade do Internet]. Oxford, UK: New Internationalist Publications, 2013.

KRAUS LUVIZOTTO, C.. **Citizenship, activism, and participation on the Internet: Brazilian Experiences** [Cidadania, ativismo, e participação no internet: Experiências brasileiras]. Comunicação e Sociedade, v. 30, p. 313-327, 2016

MAAREK, P. J.. **Campaign communication & political marketing** [Comunicação de campanha e marketing político]. West Sussex, UK:

Wiley-Blackwell, 2011.

MIRANDA, D. **Brazil's elite and the drive to impeach President Dilma Rousseff** [O elite do Brasil e o impulso a acusar a Presidente Dilma Rousseff]. The Guardian, 21 April, 2016. Disponível em: <<http://portside.org/2016-04-23/brazil%E2%80%99s-elite-and-drive-impeach-president-dilma-rousseff>>. Acesso em 21 julho 2017.

MORRIS, C. E., III, and BROWNE, S. H. **Readings on the rhetoric of social protest** [Leituras sobre a retórica do protesto]. 3. ed. State College, PA: Strata, 2013.

Nationwide protests held in Brazil against austerity, outsourcing bill. [Protestas por todo Brasil contra austeridade, o projeto de lei para terceirizar]. EFE: Agência EFE, 29 May 2015. Disponível em < <https://www.efe.com/efe/english/world/nationwide-protests-held-in-brazil-against-austerity-outsourcing-bill/50000262-2626360>>. Acesso em 21 julho 2017.

NEWMAN, N., FLETCHER, R. with LEVY, D. A. L., and NIELSEN, R. K. **Reuters Institute Digital News Report 2016.** [Reportagem de notícias digitais de Reuters 2016]. Disponível em: <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/Digital-News-Report-2016.pdf>>, 2016. Acesso em 21 julho 2017.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional** [Brazilian culture and national identity]. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PHILLIPS, D. **Hundreds of thousands protest throughout Brazil.** [Centenas de milhares protestam por todo Brasil]. The Washington Post, 13 March, 2016. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/world/the-americas/hundreds-of-thousands-protest-throughout-brazil/2016/03/13/52985ed6-e7e3-11e5-a6f3-21ccdbc5f74e_story.html?utm_term=.f14d58531fdd. Acesso em 21 julho 2017.

PHILLIPS, D., & PARTLOW, J. **Brazilians silenced after Olympic arena protests against nation's president.** [Os brasileiros silenciados depois de protestos no estádio olímpico contra o presidente do país]. Washington Post, A11, 8 Aug 2106.

PRENGAMAN, P., & SAVARESE, M. **Brazil's President Rousseff ousted from office by Senate** [A Presidente Rousseff do Brasil expulsada do cargo político pelo Senado] . St. Louis Post-Dispatch, A19, 1 Sept 2016.

Protests fall short of expectations in Brazil [Os protestos não alcançam as expectativas no Brasil]. *China Daily*, 17 Aug 2015. Disponível em: http://www.chinadaily.com.cn/world/2015-08/17/content_21629337.htm. Acesso em 21 July 2017.

ROMERO, S., & SREEHARSHA, V. **Dilma Rousseff targeted in Brazil by lawmakers facing scandals of their own** [No Brasil Dilma Rousseff é alvo dos legisladores que enfrentam os seus próprios escândalos]. *The New York Times*, 14 Apr 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/04/15/world/americas/dilma-rousseff-targeted-in-brazil-by-lawmakers-facing-graft-cases-of-their-own.html>. Acesso em 27 julho 2017.

RUVIARO, B., and CHRETIEN, T. **Which side will win out in Brazil?** [O qual lado vai ganhar no Brasil?] *Socialist Worker*, 24 Mar 2016.. Disponível em: <<http://socialistworker.org/2016/03/24/which-side-will-win-out-in-brazil>>. Acesso em 21 julho 2017.

SIMS, S. **Six words that tell you everything you need to know about Brazil** [Seis palavras que lhe diz tudo que precisa saber sobre o Brasil]. *Washington Post*, 3 Aug 2016. Disponível em:< https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/08/03/six-words-that-tell-you-everything-you-need-to-know-about-Brazil/?utm_term=.a5286796797d#comments>. Acesso em 21 julho 2017.

STEWART, C. J., SMITH, C.A., and DENTON, R. E., Jr. **Persuasion and social movements** [Persuasão e movimentos sociais]. 6. ed. Long Grove, IL: Waveland Press, 2012.

TEPPERMAN, J. **Brazil's antipoverty breakthrough:** the surprising success of *Bolsa Família* [O grande avanço do Brasil contra a pobreza: O sucesso inesperado da *Bolsa Família*]. *Foreign Affairs*, v. 95, n. 1, p. 34-44. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/brazil/2015-12-14/brazils-antipoverty-breakthrough>>, Jan/Feb 2016. Acesso em 21 julho 2017.